



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM
CURSO DE LETRAS/INGLÊS**

KATYUSSE LOUBET BARROS

**O OLHAR DO PARAGUAIO COMERCIANTE DA FRONTEIRA
INTERNACIONAL DE BELA VISTA/BRASIL E BELLA VISTA DO
NORTE/PARAGUAI SOBRE *LÍNGUA*: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO**

JARDIM - MS

2016

KATYUSSE LOUBET BARROS

**O OLHAR DO PARAGUAIO COMERCIANTE DA FRONTEIRA
INTERNACIONAL DE BELA VISTA/BRASIL E BELLA VISTA DO
NORTE/PARAGUAI SOBRE *LÍNGUA*: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Letras da
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul,
Unidade Universitária de Jardim - MS, como
pré requisito para obtenção do grau de
Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Me. Jefferson Machado
Barbosa

JARDIM - MS

2016

Ficha Catalográfica Elaborada pela Biblioteca Central da UEMS

XXXX. Barros, Katyusse Loubet.

O olhar do paraguaio comerciante da fronteira internacional de Bela Vista/Brasil e Bella Vista do Norte/Paraguai sobre *Língua*: um estudo etnográfico/Katyusse Loubet Barros. Jardim, MS: UEMS, 2016.

47p. ; 30 cm

Monografia (Graduação) – Letras-Português/ Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2016.

Orientador: Prof. Me. Jefferson Machado Barbosa.

1. Língua 2. Fronteira 3. Etnografia. 4 Sociolinguística. Título.

CDD XX. ed. XXX.XXX

KATYUSSE LOUBET BARROS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS – INGLÊS

**O OLHAR DO PARAGUAIO COMERCIANTE DA FRONTEIRA
INTERNACIONAL DE BELA VISTA/BRASIL E BELLA VISTA DO
NORTE/PARAGUAI SOBRE *LÍNGUA*: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO**

Orientador: Prof. Me. Jefferson Machado Barbosa

APROVADO EM: ___/___/___

Profª Me.Céllia Fernanda Pietramale Ebling

UEMS/Jardim

Profª. Drª. Patrícia Alves Carvalho

UEMS/Jardim

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a vocês:

Maisa...

Meu ar

Presente,

Minha Vida,

Riqueza,

Sonho,

Alegria,

E orgulho!

Enir...

Meu amor,

Exemplo,

Espelho!

Valnemir...

Esteio,

Meu amor,

Apoio,

Caminho!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primordialmente, a Deus, que se fez presente em cada instante do meu Curso, aumentando a minha fé, para que conseguisse alcançar os meus objetivos.

Ao meu orientador, professor Jefferson Machado Barbosa, muito obrigada, pois não poupou tempo para que este trabalho pudesse ser construído e com carinho e dedicação me orientou com muita paciência. Você faz parte desta conquista, professor!

À minha professora, Céllia Fernanda Pietramale Ebling, pelo carinho em abraçar, inicialmente, a minha causa, pela ajuda, apoio e companheirismo quando eu muito precisava.

À minha querida mãe, Enir Loubet Barros, pela ajuda em cuidar da minha filha recém-nascida, para que eu iniciasse minha faculdade, e pelo carinho, atenção e oração.

Ao meu pai, Valnemir Barros, sujeito multilíngue que sempre admirei e me orgulho, e que muito me apoiou, sendo uma das fontes de inspiração para o tema de meu trabalho.

À minha filha, Maisa Loubet Barros do Nascimento, por existir... e despertar em mim forças para as realizações dos meus sonhos.

Aos meus irmãos e cunhados, Jackeline Loubet Barros, Rone Lino da Silva, e Kit Johnny Loubet Barros e Solange Dias, por tudo que me ajudaram nesta caminhada.

Aos meus sobrinhos, Jheniffer Dias dos Santos Araujo, Johnny Hansel Loubet Barros e Soliane Dias Loubet Barros, por existirem e fazerem parte da minha vida.

Aos meus queridos amigos de sala, que serão inesquecíveis em minha vida, pois estes quatro anos foram uma oportunidade de novas e grandes amizades.

A todos os meus professores que contribuíram e ajudaram na minha formação.

Às informantes da pesquisa, comerciantes de Bella Vista do Norte, Paraguai, que me receberam de maneira muito cordial.

À professora Patrícia Alves, por gentilmente aceitar o convite, juntamente com a professora Fernanda, para arguição de minha banca.

E a todos que, de forma direta e indireta, contribuíram para a concretização deste trabalho.

Obrigada!

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo principal identificar, descrever e apresentar a percepção sobre Língua, segundo comerciantes paraguaios radicados na fronteira internacional de Bela Vista/Brasil e Bella Vista do Norte/Paraguai. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo de cunho etnográfico cujas entrevistas, *in lócus*, foram realizadas no ano de 2015, com intervenções etnográficas em 2016. Os informantes da pesquisa são mulheres com idade superior a 45 anos de idade. Ainda ao que se refere ao *corpus* de pesquisa, para garantir a cientificidade e qualidade da pesquisa, optou-se por analisar três entrevistas de mulheres, escolhidas de modo aleatório. O método de análise de dados se baseia, principalmente, na *Triangulação de Registros*, proposta por Frederick Ericksson (1990) e Barbosa (2015). O arcabouço teórico que norteia a pesquisa se ancora na sociolinguística interacionista, no viés da perspectiva predominantemente de Gumperz [ca. 2016].

PALAVRAS-CHAVE: LÍNGUA; FRONTEIRA; SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL; ETNOGRAFIA.

ABSTRACT

This work aims to identify, describe and present the perception about Language, according to Paraguayan merchants based in the international border of Bela Vista and Bella Vista of North Paraguay. This is a qualitative and quantitative research of an ethnographic nature, whose interviews, in loco, were carried out in the year 2015, with ethnographic interventions in 2016. The informants of this research are women over 45 years of age. Still, with regard to the corpus of the research, in order to guarantee the scientificity and quality of the research, we chose to analyze two interviews of women, in a random way. The method of data analysis is based mainly on the Translation of Records, proposed by Frederick Erickson (1990) and Barbosa (2015). The theoretical framework that guides this research is anchored in interactionist sociolinguistics, in the perspective of Gumperz (ca. 2016)

Keywords: Language, frontier, international sociolinguistics, ethnography.

RESUMEN

Coa co trabajo de encerramiento de curso o güereco como objetivo principal ojechacajauan La percepcion de las lenguas segun los comerciantes paraguajos oicoa pe frontera internacional de Bella Vista Brasil y Bella Vista Norte Paraguay. Oime ojapo hicuai petein especulacion de calidad y cantidad de origen etnográfica ojapo oicojape en 2015. O epicula ngo Kuña karái con mas de 45 años de edad cinó para garantir La fidelidad y calidad de La epeculacion. Oiporavó Mbojapy kuña o yapojauan La especulacion. Oin La forma ya hechajauan principalmente pe mbojapy punto de registro he'i vacue Frederick Erikson (1990) y Barbosa (2015). Todas las teorías de La especulacion se firman en la Sociolingüística Interacional segun la vision de Gumperz [Ca. 2016].

Palabra - llave: Lengua; Frontera; sociolingüística interacional; Etnografia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Registro de orientação de TCC. Fonte: Katyusse Barros Loubet.....	21
Figura 02. Município de Bela Vista. Fonte: Google Earth.	22
Figura 03. Ponte sobre o Rio Apa. Fonte: Katyusse Loubet Barros.....	23
Figura 04. Marco que divide as cidades fronteiriças, entre Brasil e Paraguai. Fonte: Katyusse Loubet Barros.....	24
Figura 05. Quartel de Bela Vista/Brasil. Fonte: Jefferson Machado Barbosa.	25
Figura 06. Antiga Escola e atual casa paroquial, localizada em Bela Vista/Brasil. Fonte: Katyusse Loubet Barros.....	26
Figura 07. Rio Apa. Fonte: Katyusse Loubet Barros.....	27
Figura 08. Posto Fiscal da Secretaria da Receita Federal. Fonte: Katyusse Loubet Barros.....	30
Figura 09. Paraguai. Foto: Katyusse Loubet Barros.....	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BR: Brasil

MS: Mato Grosso do Sul

PY: Paraguai

PPP: Projeto Político Pedagógico

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso

UEMS: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

LISTA DE SÍMBOLOS – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

Ocorrências	Sinais	Exemplos
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	Num vortava mai num tinha dinheru () i a genti guentô
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	Us mininu tãu aí... um trabaia de motoris otru (trabaia) pur conta
Trucamento de palavras	/	I quanu mesmu era PA nós ca/nóis da us nomi
Entonação enfática	Maiúscula	Trabaiei aTÉ casá
Prolongamento de vogais e/ou consoantes	:: ou :::	U donu mesmu era:::: isqueci u nomi deli...ah::::achu qui é Antonhu
Silabação	- - -	A genti cresceu me-dron-ta-du dus pais
Interrogação	?	Pu cê vê comu era u pessoar di antigo pra agora né?
Comentários do transcritor	((minúscula))	((risos))
Comentário que quebra a sequência da exposição do tema	- - - -	A genti – nôi somu crenti - - a genti si viu i gosto
Sobreposição de vozes ou entrada indevida	[A. Pra::: ficá lisinhu B. [a pu chãu ficá.... A. [parei B.pareinhu pa prantá

Fonte: Barbosa (2015).

OBSERVAÇÕES:

- 1- Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou siglas.
- 2- Números: transcrevem-se por extenso.
- 3- Não se usa ponto de exclamação.
- 4- Início de frase: usam-se letras minúsculas.
- 5- Registram-se as pronúncias do e e do o como realmente são pronunciados.
- 6- Nada se corrige na transcrição do texto gravado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I – PASSOS DE PESQUISA	15
1.1 Negociando o campo de pesquisa	15
1.2 Da reformulação do anteprojeto a transição do objeto de estudo: reflexões	16
1.3 A constituição de <i>corpus</i>	18
1.4 Transcrição das Entrevistas.....	19
1.5 Seleção do <i>corpus</i> e análise de dados	20
CAPÍTULO II – CONTEXTO EM ESTUDO: PANORAMA HISTÓRICO	22
CAPÍTULO III – CONSTRUINDO O ARCABOUÇO TEÓRICO	33
3.1 Concepções de Fronteira.....	33
3.2 Sociolinguística e Sociolinguística Interacional	34
3.3 Concepções de Língua	36
3.4 A diversidade Linguística em região de Fronteira.....	39
CAPÍTULO IV – A CONCEPÇÃO DE LÍNGUA, SEGUNDO PARAGUAIO COMERCIANTE	41
4.1 Considerações Iniciais para a Análise	41
4.2 O Caso de Emiliana Garcia Fleitas	42
4.3 O Caso de Marlene Galeano	43
4.4 O Caso de Sônia Beatriz Gonsales.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
ANEXO	50

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido a respeito das concepções relativas à Língua que, por sua vez, dentro do campo da Linguagem, possui diversos conceitos já cristalizados. Além de definições cujas entradas lexicais se encontram em vários dicionários etimológicos da Língua Portuguesa.

Diante dessa conjuntura, este trabalho surgiu, dentre outros aspectos, da inquietação de responder a seguinte pergunta considerada corte: Qual a concepção de *Língua* segundo o comerciante paraguaio radicado na fronteira internacional de Bela Vista/Brasil e Bella Vista do Norte/Paraguai? A Justificativa da pesquisa repousa no fato do contexto de estudo ser uma região de fronteira, que segundo Pereira (1999) é um “contexto sociolinguisticamente complexo”.

Conectados ao pensamento de Barbosa (2015), compreendemos que o termo fronteira ultrapassa os aspectos geopolíticos. Desse modo, ele pode ser fronteira ideológica, identitária, linguística, dentre outros aspectos. E é nesse contexto de mosaico linguístico que as línguas se entrecruzam e, nesse entrecruzamento, elas se significam.

A partir da rotina de trabalho de comerciantes paraguaios em um contexto fronteiriço, cujo mosaico linguístico é vivo e se apresenta a cada amanhecer, quais são os olhares desses comerciantes a respeito do conceito de *Língua*? Em que medida esses conceitos, segundo comerciantes, dialogam com as concepções teóricas dentro do Campo da Linguagem, especificamente da Linguística?

Para responder a estes questionamentos e inquietações, embasamo-nos na pesquisa etnográfica cujo viés se apoia na sociolinguística interacionista. Desse modo, no capítulo 1 são apresentados os passos de pesquisa, no sentido de contribuir para posteriores consultas, os passos investigativos do pesquisador etnográfico. No capítulo 2 é esboçado o contexto em estudo, de modo breve, porém destacando elementos que julgamos significativos para essa região. Já o capítulo 3, nota-se a apresentação do arcabouço teórico que sustenta a pesquisa, com alguns recortes, de modo a garantir a cientificidade e qualidade do presente trabalho. Por fim, porém não limitando as reflexões apresentadas neste trabalho, o capítulo 4 apresenta a análise de dados, a partir dos elementos teórico-metodológicos da pesquisa etnográfico sob a luz da sociolinguística interacional.

CAPÍTULO I – PASSOS DE PESQUISA

Este capítulo esclarecerá todo o trajeto da pesquisa que fiz, iniciado em 2015, na fronteira de Bela Vista/Brasil e Bela Vista do Norte/Paraguai. Nesta época era apenas um projeto de pesquisa que eu tinha em mente apenas coletar dados que seriam o ponto de partida para um futuro trabalho e com esse propósito viajei para a respectiva fronteira, com uma câmera que iria gravar as entrevistas, um reduzido questionário que fiz, um documento elaborado para que o entrevistado me permitisse usar a gravação e o vídeo em meu estudo etnográfico. Além disso, muita vontade de explorar esse amplo campo de pesquisa considerado por Pereira (1999) como um contexto sociolinguisticamente complexo.

1.1 Negociando o campo de pesquisa

Ao que se refere à negociação do campo de pesquisa, acreditei estar munida de conceitos de pesquisa, porque para mim, na época, uma entrevista dependia apenas de ter o entrevistador fazendo as perguntas certas e colhendo informações que precisava para seu discurso.

Entretanto, não é bem assim, pois no campo de linguagem existem métodos, maneiras e orientações da qual eu desconhecia até aquele momento, porém muito empolgada, seguia com a tarefa de coletar o corpus do meu futuro trabalho de pesquisa, que resultaria no Trabalho de Conclusão de Curso, doravante TCC.

Assim, aleatoriamente, escolhi o comércio, pois, segundo a minha visão da época, seria mais fácil. Eu acreditava que era só conversar com as pessoas e conseguir me entrosar, o que não seria difícil, pois sou bastante comunicativa. Desse modo, usei o contexto de que meu pai era paraguaio e percebia que esse argumento me aproximava dos indivíduos falantes do país, era como um laço de confiança. Assim, selecionei mulheres do comércio entre 45 a 50 anos, porque acreditava que com mulheres seria mais fácil travar uma conversa mais longa. E elas, tendo acima de 45 anos, seriam provavelmente mãe e, além do mais, eu poderia cruzar o aspecto de falante bilíngue, associando ao seu contexto histórico de vida, com seus pais antes do casamento, depois com o esposo, com os filhos, e por último com o comércio.

A grande causa que me levou a escolher esse tema do falante bilíngue é o fato de meu pai e meus avós paternos serem paraguaios. Nesse sentido, sempre achei fantástico meu pai falar, ler e escrever três idiomas. Lembro-me de quando ele foi convidado a ser intérprete de

guarani e espanhol em um evento mundial da igreja que ele frequenta. Naquela época pude perceber que era uma grande questão, era realmente uma soma de conhecimento linguístico que, dentro da nossa casa, nós não valorizávamos, e hoje percebo que esse mesmo fato se repete na vida de muitos. Por outro lado, escolhi a fronteira de Bela Vista/BR e Bela Vista do Norte/PY, localidade onde se originou a minha constituição familiar.

Desse modo, a pesquisa seguia e eu entrevistava os sujeitos, previamente selecionados, observando-os de longe por um curto período, mas que estavam dentro do perfil que eu havia traçado, conforme descrito acima. (Mulheres entre 45 a 50 anos).

Logo chegava ao comércio, apresentava-me, narrava o motivo de estar ali e o teor da minha pesquisa, também destacava a importância do falante bilíngue e do quanto esse saber poderia ser explorado. Diante disso, os sujeitos ficavam felizes em colaborar com o meu estudo. Após assinatura do documento, oficializando a minha pesquisa, dava início à gravação.

É fundamental destacar, ainda, que não houve nenhum tipo de agendamento para a realização das entrevistas. Dessa maneira, com as teorias etnográficas internalizadas, acredito que eu estava imatura no que diz respeito à coleta de dados. Outra informação não menos importante é relativa ao ato da gravação, minutos antes de oficialmente gravar, fiz um preâmbulo do conteúdo, especificando que eu era acadêmica do Curso de Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade de Jardim/MS e ressaltando que eu faria um trabalho sobre aquela fronteira. A reação dos entrevistados, a princípio, foi feliz.

1.2. Da reformulação do anteprojeto a transição do objeto de estudo: reflexões

Em 2015, no terceiro ano do Curso de Letras, já na nova grade curricular¹, a qual tinha de apresentar, em forma de comunicação individual, Apresentação da Monografia em Andamento (AMA), a prévia de nosso Projeto de Estudo para o TCC da UEMS, campus de Jardim/MS, que seria defendido no ano de 2016, passei a me questionar sobre qual tema daria um bom trabalho.

Diante dessa realidade, muitas vezes conflituosas, eu pensava em algo que viesse a somar com a educação. Além disso, meu interesse era que, mesmo de maneira árdua, me

¹ Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras, Unidade Universitária de Jardim. Disponível em: <<http://www.uems.br/graduacao/curso/letras-portugues-ingles-licenciatura-jardim>>

desse prazer desenvolver um trabalho interessante, ou seja, apaixonar-me pelo objeto de pesquisa.

Ainda diante dessa conjuntura de conflitos internos, eu tinha em mente que a área da Linguística seria o meu foco de estudo, visto que esse campo sempre me causava curiosidade. No entanto, não estava definido um título, porém, eu queria abordar um assunto sobre o bilinguismo ou algo relacionado à fronteira.

Conforme os dias iam passando, eu ia minimizando o limite existente entre mim e o objeto de estudo. Aliado a isso estava o fato de eu não possuir até aquele momento um orientador. Em conversa informal com a coordenadora do Curso de Letras, ela me encaminhou para uma das professoras do Curso de Letras/Inglês, a qual ela foi extremamente cordial. Todavia, naquela época, dispúnhamos de pouco tempo para a IV edição de Apresentação de Monografias em Andamento, AMA.

O aceite como minha orientadora inicial me possibilitou realizar a minha explanação no AMA, cujo tema de pesquisa era: “Análise de metaplasmos de supressão por apócope do S de plural na fala de bilíngues fronteiriços nas cidades de Bela Vista/BR e Bela Vista/PY”. Após a exposição, a arguidora da banca sugeriu que eu trabalhasse com diglossia. Mesmo diante dessa realidade, eu prosseguia com a pesquisa. Dessa forma, deliberamos o campo de estudo (lócus) que o meu estudo seria feito através de pesquisas na fronteira de Bela Vista/Brasil e Bella Vista do Norte/PY.

Imediatamente, comecei a programar a viagem até a respectiva fronteira, pois o meu desejo em iniciar a coleta de dados era expressivo. Então, digitei um documento, conforme se nota nos ANEXO, para que os bilíngues do país me autorizassem a usar áudio e vídeo, que seria composição de meu corpus de pesquisa.

Já em 2016, depois de ter feito toda a pesquisa na prática, veio para a UEMS, o professor Jefferson Machado Barbosa, sendo um profissional com ampla experiência na área de fronteira, e bilinguismo, inclusive já tinha assistido uma palestra dele, em 2015, sobre “Aspectos de Hibridização Linguística na fronteira internacional de Ponta Porã/Brasil e Pedro Juan Caballero/Paraguai”. O que eu não imaginava é que, em conjuntos, minha orientadora inicial e o orientador deste trabalho, decidiram que o professor Jefferson seria meu orientador, tendo em vista que no ano de 2016, o professor Jefferson assumiu aulas na Unidade de Jardim e sua área de atuação se focaliza, dentre outros estudos, nas investigações sobre/de Fronteira.

Em seguida, em comum acordo, minha orientadora inicial e o orientador deste

trabalho comunicaram a mim mudança. Logo, iniciou-se outro período de reuniões e encaminhamentos do trabalho em questão. Recordo-me até hoje de quando meu orientador disse para eu elaborar um caderno de TCC, pois este seria um dos instrumentos de pesquisador. E que o investigador de campo precisa de seus instrumentos, tais como: gravador, caderno de campo, mochila para guardar os equipamentos, dentre outros.

Este instrumento do pesquisador etnográfico foi muito importante para mim. De fato, configura-se como um documento de trabalho do investigador, visto que nele estão diversas anotações, de percepções minhas acerca da realidade que vivi durante toda a trajetória de minha pesquisa. Diversas foram as vezes as quais consultei este documento, seja para rever questões relacionadas à prática da pesquisa, com anotações de minhas idas ao contexto de estudo, seja para consultar questões teóricas, as quais eu anotava, também, neste caderno de TCC e/ou caderno de campo.

1.3. A constituição de *corpus*

As entrevistas que coletei, a princípio, foram cinco, que se constituem da seguinte forma: três mulheres e dois homens, todos atuantes no comércio da fronteira internacional de Bela Vista/Brasil E Bela Vista do Norte/Paraguai. Dessa forma, eu conversava com os entrevistados sobre a pesquisa e, em seguida, começava a entrevista, todas as pessoas as quais falei em entrevistas foram muito educadas. Além de se sentirem felizes em participar. Esse fato me deixou muito animado para dar continuidade no meu projeto.

A primeira entrevistada foi a dona Emiliana, que fala, segundo ela, a língua portuguesa, espanhola e Guarani. Ela é dona de uma lanchonete. De acordo com a entrevista, ela fala o português com interferências, no sentido de influências, de outras línguas, em especial o espanhol.

A quarta entrevistada foi a dona Marcilene, que também trabalha no comércio paraguaio. Uma senhora muito prestativa, cedeu-me todas as informações necessárias. Contou uma história de lobisomem que seus avós contavam para os netos, relatou do quanto sentia medo dessas narrativas populares que são passadas de geração para geração. Enfim, mas não limitando a entrevista, foi bastante proveitosa.

A quinta entrevistada foi a dona Sônia, uma senhora ela foi muito simpática. Ela tem uma loja de tecidos e aviamentos no Paraguai e também lida com comerciantes de outros países diariamente. Em entrevista, ela relatou que seu filho estuda no Brasil, ele fala espanhol

e português, e ela conversa em guarani com seu esposo, que seu filho entende o que eles conversam, porém responde em português. Disse, também, que o português é uma língua da fronteira.

Realizei outras entrevistas com homens, mas não relatarei todas aqui porque não é o foco da pesquisa. Além do mais, direcionei o melhor, a partir das orientações do meu orientador, para as mulheres paraguaias comerciantes da fronteira em foco.

É importante destacar, ainda, o quanto fiquei muito impressionada com muitas coisas que aprendi com o pouco convívio que tive com os fronteiriços, a simplicidade em que vivem, e as dificuldades que enfrentam já que o Paraguai é um país muito pobre em relação ao Brasil. Percebi, também, que os pais que vivem na fronteira matriculam seus filhos em escolas do Brasil, pois acreditam que estão contribuindo com o futuro de seus filhos. Pude perceber ainda, em algumas entrevistas, que os pais paraguaios julgam que o ensino em Bela Vista/Brasil é mais forte em relação à Bela Vista/Paraguai e, por esse motivo, preferem que seus filhos estudem em escolas brasileiras.

1.4. Transcrição das Entrevistas

O processo de transcrição foi um tanto problemático, pois bem depois eu vim saber a maneira de fazer uma transcrição para pesquisa, e já tinha transcrito meu material por três vezes, pelo fato de que utilizei as férias escolares de julho de 2015 para fazê-la no intuito de ganhar tempo.

Formulei um questionário que me dava um norte sobre o que precisava saber, na verdade as perguntas eram na sua maioria sobre as línguas faladas na fronteira e como os entrevistados se posicionavam, qual língua reconhecia como sua língua materna, posso perceber hoje em maio de 2016 que foram perguntas interessantíssimas, era na verdade o que eu gostaria de saber dos bilíngues, mas, naquela época eu precisava somente coletar a maneira que eles falavam, no intuito de coletar em sua fala a supressão do S por apócope. Pois bem, hoje percebo que as perguntas que elaborei naquele questionário faz menção a um abrangente contexto linguístico bilíngue da fronteira em questão.

Como fui orientada sobre o afastamento que deveria ter da pesquisadora (eu), então comecei transcrevendo as falas dos entrevistados e ressaltando o que era mais interessante para os critérios do trabalho, fiz todo esse processo, e parei um pouco para escrever o TCC, lembrando que me refiro as três entrevistas. Depois voltei e relacionei essas falas das

entrevistas com a teoria, somente no final do TCC, voltei para fazer a transcrição da pesquisadora, essa realmente foi a melhor de todas, pois nessa hora pude entender tudo que o professor Jeferson avia falado, pois pude detectar muitas falhas e detalhes que antes não conseguia.

1.5. Seleção do *corpus* e análise de dados

Ao que se refere à etapa de análise para o corpus de minha pesquisa, tive o prazer realizar este trabalho “Herculano”² com o meu orientador, professor Jefferson Machado Barbosa, cujos olhares etnográficos se justavam aos meus e, juntos, realizamos a seleção do corpus para essa pesquisa e, posteriormente a análise de dados, apresentadas no capítulo 4.

Juntos, eu e meu orientador, selecionamos para este estudo três entrevistas, de mulheres, com idade superior a 45 anos. O critério adotado nessa seleção foi rigoroso, visto que obedecemos às orientações da Sociolinguística Interacional que destaca, segundo John Gumperz (2016), o fato de haver diferenças no modo de perceber e falar a língua, entre homens e mulheres, faixas etárias distintas, regiões e dentre outros fatores linguísticos.

Diante dessa realidade, selecionamos 5 mulheres, com idade próximas, paraguaias, da fronteira de Bella Vista do Norte/Paraguai e Bela Vista/Brasil, para compreender qual a percepção de *Língua*.

No processo de análise de dados, eu e o meu orientador fizemos juntos, visto que como sou próxima do contexto em estudo, eu precisava, naquele período, *tornar o familiar estranho*, conforme orientações etnográficas de Erikson (1990) para interpretar os Dados dessa pesquisa. Nesse aspecto, meu orientador foi peça fundamental, pois a todo o momento ele trazia contribuições e questionamentos diferentes de minha percepção, que se somavam às minhas inquietações e o resultado foi a mistura de diversos olhares investigativos, apresentados no capítulo 4. A foto, a seguir, revive um dos momentos de análise de dados em minha residência.

² Usado no sentido metafórico: Hércules, grandes guerreiros da antiga mitologia grega.



Figura 01. Registro de orientação de TCC. Fonte: Katyusse Loubet Barros.

Estes encontros com o meu orientador me motivaram, ainda mais, a prosseguir nesta caminhada acadêmica, uma vez que fiquei gestante no ano de elaboração escrita e finalização do Curso de Letras/Inglês. Nossas orientações iam, conforme meu orientador diz (ia) além dos muros da Universidade, pois a pesquisa etnográfica permite, dentre outros aspectos, realizar trocas de saberes além do campo institucional. Como se nota na foto, o tereré, bebida típica de Mato Grosso do Sul, fazia-se parte de nossos estudos e análises sistemáticas de nossos dados de pesquisa.

CAPÍTULO II – CONTEXTO EM ESTUDO: PANORAMA HISTÓRICO

Este capítulo visa explicar o contexto de estudo selecionado para a pesquisa. se da fronteira internacional de Bela Vista/Brasil com Bella Vista do Norte/Paraguai. Para retratar a historicidade da região em questão nos apoiamos em obras previamente selecionadas e que corroboram com as questões entre língua, sociedade e cultura. Entretanto, é imprescindível registrar, aqui, que não limitamos o assunto, pelo contrário, abrimos janelas que dão abertas para outras janelas a respeito da história do povo bela-vistense. Além disso, para a (re)construção da história do contexto em estudo, utiliza-se analogias com fatos do passado e presente, com base em trabalhos correlatos que tratam da historicidade.

2.1. Pelos caminhos fronteiriços de Bela Vista/Brasil e Bella Vista do Norte/Paraguai

De acordo com Barbosa (2014, p.150) “O estado de Mato Grosso do Sul está localizado no Centro Oeste do Brasil”, e faz fronteira com os países vizinhos: Paraguai e Bolívia. Desse modo, ao se pensar em “fronteira”, do ponto de vista geográfico e/ou geopolítico, observa-se uma linha imaginária que separa ambos os territórios nessa região de fronteira. Entretanto, ao se projetar um olhar para a fronteira à luz do social, Sturza (2006, p. 09-10) registra que “A fronteira, concebida do ponto de vista mais social que geopolítico, é notadamente um espaço de confluências, sejam elas por integração, sejam elas por oposição de todo tipo, política, ideológica, econômico-social.”

Para melhor exemplificação da região em estudo, apresentamos, a seguir, uma figura que registra, do ponto de vista aéreo, a região fronteiriça.

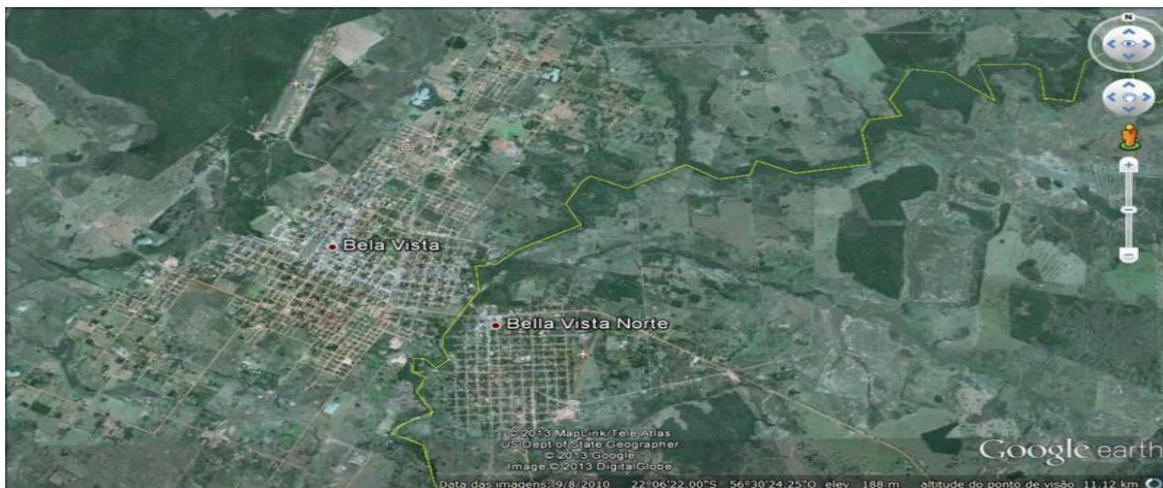


Figura 02. Município de Bela Vista. Fonte: Google Earth.

A partir da figura acima, nota-se a divisão imaginária existente entre os dois países, Brasil e Paraguai. Embora seja uma região que possui dois países vizinhos, a localidade não se caracteriza como uma fronteira seca, conforme estudos de Barbosa (2015), fronteira de Aral Moreira/Brasil e Departamento Santa Virgínia/Paraguai e Fernandes e Hoff (2016), fronteira de Ponta Porã/Brasil com Pedro Juan Caballero/Paraguai. A região em estudo se configura como um espaço que possui um rio, Rio Apa, que separa esses dois países, por meio de uma ponte, o que evidencia pensar, dentro outros aspectos, de que há um obstáculo que estabelece uma fronteira de separação entre os dois países.

A foto abaixo registra a ponte do Rio Apa.



Figura 03 – Ponte sobre o Rio Apa. Fonte: Katyusse Loubet Barros.

Além dessa demarcação física, que se estende a aproximadamente 7 km, há ainda a circulação da moeda, que se configura como outro leque de fronteira estipulada que separa ambos os países. A título de exemplificação se refere à Bella Vista Norte/Paraguai, a moeda de circulação é o dólar, enquanto que no Brasil, a moeda de circulação é o real.

Ao longo de sua historicidade a fronteira em questão foi cristalizando aspectos simbólicos que caracterizam essa “divisão”, do ponto de vista imaginário, que estabelecem diferenças. Barbosa (2015), conectado ao pensamento de Sturza (2006), registra que as diferenças são importantes para o (re)conhecimento do pertencimento a localidade, uma vez que o sujeito fronteiriço se significa no entrecruzamento com outro sujeito. Pode-se dizer que esse entrecruzamento acontece nos elementos simbólicos, típicos de determinada região,

configurando a identidade, mesmo que fragmentada conforme Hall (2003), de determinado lugar.

A título de exemplificação de elementos simbólicos que estipulam a divisão material de ambos os países em região de fronteira, tem-se, a seguir, a foto do Marco que divide o Paraguai e o Brasil, dentro da fronteira internacional de Bela Vista/Brasil e Bella Vista do Norte/Paraguai.



Figura 04 – Marco que divide as cidades fronteiriças, entre Brasil e Paraguai. Fonte: Katyusse Loubet Barros, 2016.

Além do Marco que se configura como elemento representativo dentro da localidade fronteiriça em questão, nota-se, ainda, na foto, a circulação de moradores dentro do espaço fronteiriço. Assim como destaca Barbosa (2015), em sua investigação, o ir e vir social dessa fronteira é algo comum, o que torna algumas situações invisibilizadas como, por exemplo, a circulação de brasileiros no comércio paraguaio, a circulação da língua portuguesa no Paraguai e a da língua espanhola e guarani no Brasil, dentre outros aspectos que naturalizam a mistura entre os povos e tornam essa região mestiça.

Essa relação entre os dois países, caracterizada, dentre outros aspectos, como misturada e/ou mestiça. Entretanto, é importante destacar nessa viagem ao passado e presente de Bela Vista/Brasil e Bella Vista do Norte/Paraguai, que nem sempre essa relação aconteceu de maneira harmoniosa. Ancorados ao pensamento de Vieira (2014), naquele momento, em

meados da década de 70, era conquistado por meio de guerras, batalhas e, muitas vezes, demarcações políticas.

Ao realizar a projeção ao passado, temos como elemento simbólico que carrega em seu interior aspectos materiais que revitalizam a história dessa fronteira como, por exemplo, o quartel, que possui, em seu interior, número expressivo-significativo de objetos históricos, tais como: telefones antigos, canhões usados durante a guerra, carros utilizados em batalhas civis, dentre outros objetos que ilustram a saga histórica da fronteira em questão.

A foto, a seguir, revive um dos momentos considerados marco para essa fronteira.



Figura 05. Quartel de Bela Vista/Brasil. Fonte: Jefferson Machado Barbosa, 2016.

Atualmente, conforme intervenções etnográficas e anotações do caderno de campo do pesquisador, nota-se que o quartel de Bela Vista/Brasil está localizado próxima à fronteira entre Brasil e Paraguai. Nesse espaço, pode-se encontrar, dentre outros parâmetros, muitas lembranças do período das conquistas territoriais, tais como: os canhões utilizados em batalhas, armamentos do exército, fotos de soldados veteranos de guerra, fotos da região naquele momento, entre outros. Diante dessa conjuntura, acreditamos que seja necessária uma visita a esta localidade para compreender e estruturar a história dessa fronteira.

Outro aspecto que contribui para entender a história da fronteira é referente ao contexto educacional de Bela Vista/Brasil. Trata-se do colégio considerado mais antigo dessa fronteira, o Colégio das Freiras. Esse contexto se caracteriza como uma referência de educação daquela época. Há indícios de que o antigo colégio das Freiras sofreu, no decorrer

dos anos, restaurações. No entanto, sua originalidade permanece, conforme se pode notar na foto a seguir.



Figura 06 – Antiga Escola e atual casa paroquial, localizada em Bela Vista/Brasil. Fonte: Katyusse Loubet Barros, 2016.

Através das intervenções etnográficas a essa região, para coletar entrevistas, dentre outras atividades na condição de pesquisador. Foi realizada uma visita a senhora Enir Loubet Barros, mãe da presente pesquisadora. Durante a visita etnográfica, tivemos a informação de ela estudou no antigo Colégio das Freiras, em meados de 1969 e 1970. Naquela época, a escola acontecia na modalidade privada e as professoras responsáveis pela educação eram todas freiras. É importante mencionar que, naquele período, a instituição de ensino tinha recomendação expressiva pela população bela-vistense. Atualmente, esse prédio, figura 05, corresponde à Casa Paroquial, no entanto, conforme destacado outrora, por dentro o imóvel ainda mantém lembranças do passado e na arquitetura sua originalidade.

Ao projetarmos o nosso olhar para o passado, verificaremos que a região que corresponde, atualmente, a fronteira internacional de Bela Vista/Brasil e Bella Vista do Norte/Paraguai foi palco de sangrentas batalhas, dentre elas, a conhecida pelos campos sul de Mato Grosso do Sul, a Guerra da Tríplice Aliança.

Conectados ao pensamento de Vieira (2014) podemos observar que a guerra do Paraguai teve início no ano de 1864, com término em 1870. A respeito desse episódio, nota-se que foi um grande confronto que gerou miséria no país vizinho. Sabe-se que, naquele momento, as atuais lideranças do Paraguai não tinham nenhuma condição para guerrear, isto

é, não eram dotados de estratégias e o país dispunha de péssimos armamentos. Aliada a essa condição, a marinha tinha apenas um único vapor em condições precárias.

O direito que o Brasil conseguiu sobre as terras, que antes era do Paraguai, foi estipulado e assinado em 01 de outubro de 1777, pelo Tratado de Santo Idelfonso, e naquele momento ficou restabelecido o Rio Corrente como linha de limite entre os países, Brasil e Paraguai. A foto, abaixo, ilustra essa divisão, que configura essa fronteira como sendo não seca, visto que o Rio funciona como um obstáculo que separa os dois países.



Figura 07 – Rio Apa. Fonte: Katyusse Loubet Barros, 2016.

Em meados de 1801, o capitão do exército paraguaio, Juan Caballero, cruzou o Rio Corrente e fundou, ali, um forte, que gerou revolta nos comandantes do exército brasileiro. Diante dessa realidade, no ano seguinte, o Brasil encaminhou forças armadas do presídio da cidade de Miranda, situada no antigo Mato Grosso, liderados pelo tenente Francisco Rodrigues do Prado. (DORATIOTO, 2002).

Ao chegarem à localidade onde o exército paraguaio se encontrava, as tropas de soldados brasileiros atacaram e, posteriormente arrasaram o forte. Durante o confronto, entre brasileiros e paraguaios, morreu o capitão Juan Caballero, e os demais soldados foram aprisionados.

Mesmo diante desse confronto, conforme se nota em Barbosa (2015), foi em 1864, a expansão da guerra entre Brasil e Paraguai. Ainda segundo o autor, antes da efetivação da

guerra, é importante registrar que o Brasil sofria ataques de paraguaios em vários pontos. Isso é decorrência da estratégia de Solano Lopes, cujo objetivo repousava no fato de promover um ataque relâmpago ao território brasileiro. No entanto, Solano, como era popularmente conhecido naquele período, não conhecia a real situação do Brasil, isto é, como seria a reação dos brasileiros depois de sofrer ataques do povo paraguaio.

Essa região onde hoje está situada a cidade de Bela Vista/PY foi reestruturada, cinco anos depois, ao receber novos moradores. Os sujeitos advindos de outras regiões, os Lopes, sobrinhos do Guia Lopes; os Barbosa, Leite, Ferreira, Pedra, Loureiro, Escobar, Melo, e tantas outras famílias consideradas pioneiras da região, constituíram a grandeza de Bela Vista. Desse modo, com um novo povoado surgindo nessa localização, era necessário um ponto de apoio e comunicação. Com base nessa necessidade, foi instalado um posto na residência de José Lemes Bugre, que foi o primeiro morador da região. (VIEIRA, 2014).

Em seguida, começaram a chegar para a região, que na atualidade corresponde Bela Vista/BR, nossas famílias vindas, principalmente, de Rio Grande do Sul e, conseqüentemente vieram de outros estados do Brasil, atraídas pela exploração da erva-mate nativa, mantida, naquele período, predominantemente pela companhia Mate Laranjeira.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

Deste período em diante, o desenvolvimento da região não mais sofreu solução de continuidade, o que levou o Governo do Estado a criar, pela Resolução nº 255, de 10 de abril de 1500, o Distrito de paz de Bela Vista, com os mesmos limites do já então existente Distrito policial, instalado em 1889. Criado o município em 1908, todavia, a sede municipal só foi elevada à categoria de cidade, por força da lei nº 772, de 16 de julho de 1918

Tendo em vista o exposto acima, observa-se que na criação dessa fronteira os limites que separam os dois países, Brasil e Paraguai, foram previamente estipulados. No entanto, é importante frisar que, mesmo havendo essa divisão geográfica e/ou geopolítica, na atualidade em Bela Vista/BR e Bella Vista do Norte/PY os moradores não conseguem diferenciar um país do outro, uns moram no Brasil e trabalham (ou fazem outras atividades) no Paraguai. Enquanto que outros moram no Paraguai e trabalham no Brasil ou até exercem outras atividades como, por exemplo, estudam no contexto brasileiro.

Diante dessa realidade contemporânea da fronteira em estudo, pode-se evidenciar, dentre outros aspectos, que o dia a dia dessa região funciona como se fosse um só país, em que os moradores atravessam os dois países como se fosse um só. Embora não haja um

estudo sistemático e que comprove a descrição de língua, essa noção de estar em um só país, mesmo estando em dois, acontece, muitas vezes, no aspecto linguístico, visto que basta direcionar o olhar etnográfico e perceber algumas sutilezas, dentre elas o fato dos fronteiriços falarem no ato de comunicação duas ou mais línguas, dependendo do contexto, com quem falará e da situação de uso da língua, seja ela o português, o espanhol ou o guarani.

Durante a saga histórica de Bela Vista/BR e Bella Vista do Norte/PY, percebe-se que a região sofreu influência de povos que detinham uma língua originária. Trata-se da população indígena, falantes da língua tupy Guarany, que posteriormente foram colonizados pelos espanhóis, e mais tarde o Brasil por meio de conquistas territoriais vem a ocupar as regiões à encosta do rio Apa (rio que divide o território brasileiro do território paraguaio). (VIEIRA, 2014).

Existe, ainda, na fronteira em estudo, um pequeno estabelecimento da Receita Federal, para o controle de mercadoria, que policiais brasileiros ficam ali de prontidão, com se pode observar na foto abaixo.

Nota-se, que em determinadas horas do dia existe ali uma calma, o fluxo de indivíduos neta transição de países é semelhante ao da cidade, com um fluxo recorrente no período da manhã e final de tarde.

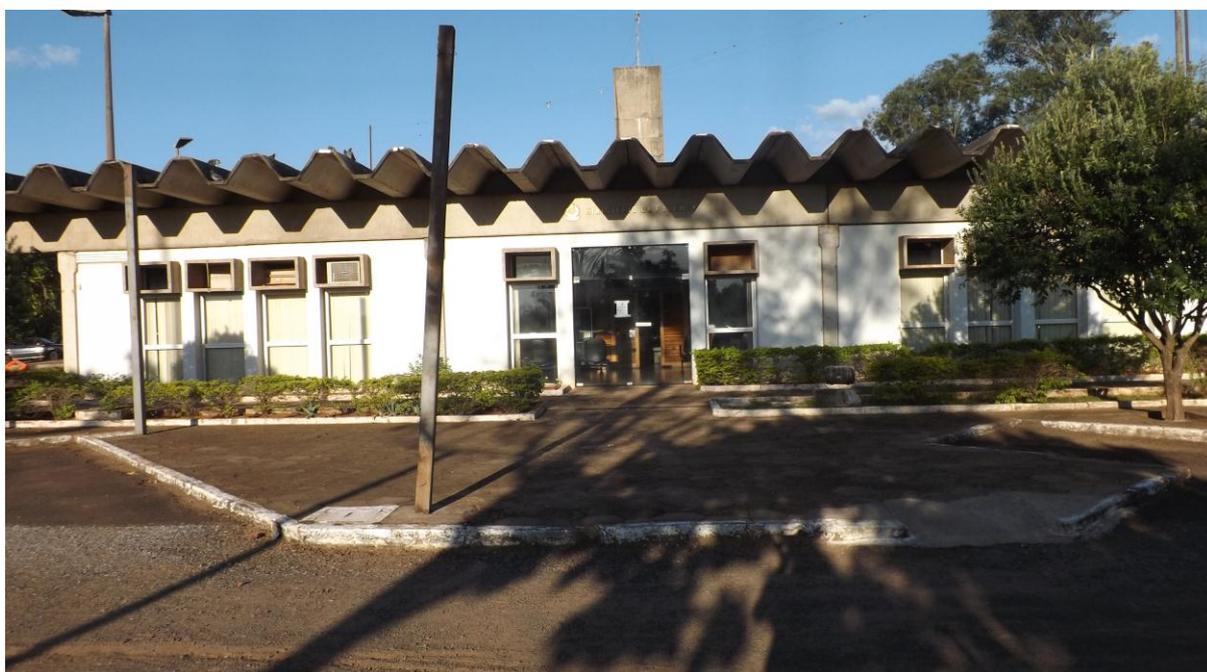


Figura 08 – Posto Fiscal da Secretaria da Receita Federal. Fonte: Katyusse Loubet Barros, 2016.

No contexto de comércio, verifica-se a imagem de uma fronteira relativamente simples, cuja estrutura se caracteriza com diversas lojinhas, sendo algumas delas improvisadas na própria residência do comerciante. Os preços tanto do lado brasileiro como do lado paraguaio são parcialmente semelhantes, no entanto, o lado paraguaio é alvo de vários olhares de brasileiros quando se trata de compras, principalmente de eletrônicos e perfumarias. A seguir, tem-se uma foto que revive o comércio paraguaio, tendo em vista que o seu fluxo de compras é maximizado, ao se comparar com o cenário brasileiro.



Figura 09 – Paraguai. Foto: Katyusse Loubet Barros, 2016.

Outro fator importante a destacar, ainda a respeito do comércio, refere-se à principal fonte de renda do Paraguai, as lojas são construídas em avenidas em sequência muito semelhante ao Brasil, só que a moeda do país é o dólar, dessa forma quando o dólar está baixo, muitos brasileiros frequentam a fronteira em busca de mercadoria barata. Conseqüentemente, quando o dólar está alto, as lojas ficam vazias, e a estabilidade financeira do país se torna instável.

Além dos produtos mencionados, como eletrônicos, há outros produtos do comércio paraguaio que atraem, principalmente os brasileiros, tais como: pneus, peças de carros e/ou caminhões, pois o preço é muito mais acessível, ou seja, o que leva a alguns comerciantes brasileiros correrem o risco em trazer mercadorias para revenda no Brasil, muitas vezes, de maneira ilegal.

Na comunicação entre os dois povos fronteiriços de países diferentes, especificamente os comerciantes, faz-se necessário falar a língua portuguesa, o espanhol e, em

alguns casos, o guarani, o que se apresenta uma situação de, no mínimo, trilinguismo, que nem sempre acontece de maneira harmoniosa. Dessa forma, alguns pais, já preocupados com isso, desde cedo ensinam o filho a falar o português e muitos deles já matriculam seu filho na escola do Brasil, visto que a busca dos paraguaios pelas escolas brasileiras é expressiva.

Outro fator não menos importante que merece destaque se refere ao fato de a língua portuguesa também ser introduzida no Paraguai para as crianças, através da Rede Globo de Comunicação. Em outras palavras, as crianças assistem desenhos infantis em português e com isso vão recebendo outra língua, além do espanhol e do guarani, línguas oficiais do Paraguai.

Ao que se refere ao contexto de ensino, nota-se que tanto do lado brasileiro como do lado paraguaio, a predominância maior de instituições de ensino são de cunho público, da Rede Estadual e Municipal.

No contexto familiar, percebe-se que um fato significativo no âmbito da linguagem. A maior parte das famílias que ocupam essa fronteira possui em seu seio familiar uma constituição linguística de mais de uma língua. É comum, nessa região, encontrar nas rodas de *tereré*, bebida cuja caracterização é a fusão da água gelada com erva-mate, uma situação de no mínimo trilinguismo.

Outra característica marcante dessa fronteira se refere às danças típicas da região. Trata-se da polca paraguaia, acompanhada das músicas de polca e dançada em pares, geralmente composta por um homem e uma mulher. Na dança da polca paraguaia a mulher mostra toda sua sensualidade e leveza nos movimentos, enquanto que o homem admira e acompanha a moça. A transposição do sertanejo tocado nos bailões dessa fronteira é resultado da fusão de diversas danças típicas, dentre elas, a polca paraguaia, que até hoje é muito ouvida em ambos os países.

A composição musical dessa fronteira é bastante eclética, dentre essa variação, a *Katchaca*, o sertanejo raiz e universitário e a polca paraguaia merecem destaque, visto que se configuram como os gêneros musicais mais tocados tanto no Brasil como no Paraguai. É importante lembrar que tanto os brasileiros ouvem músicas em espanhol e guarani como os paraguaios escutam músicas em português.

A estrutura familiar também é bastante mesclada. A título de exemplificação se tem a união estável de brasileiros e paraguaios (além dos indígenas) que formam uma família, gerando filhos com essa mistura étnica. Essa situação de mestiçagem familiar evidencia pensar, dentre outros parâmetros, que os filhos de brasileiros com paraguaios, ou vice-versa,

passam a vivenciar uma situação de divisão, e ao mesmo tempo integração, de dois países, visto que o “ir” e “vir” do Brasil ao Paraguai, ou vice-versa, é atividade constante, por diversos motivos, quais sejam: visitas aos parentes; idas ao comércio, dentre outras atividades.

CAPÍTULO III – CONSTRUINDO O ARCABOUÇO TEÓRICO

Neste capítulo serão abordados alguns aspectos relativos aos diversos conceitos de fronteira, conforme se tem consagrado nos estudos da linguagem. Além disso, são apresentados alguns conceitos de Língua, de acordo com os estudos linguísticos. E por fim, procuramos refletir sobre a diversidade linguística existente no contexto de fronteira.

3.1 Concepções de Fronteira

A palavra fronteira está ligada a inúmeras discussões por suas linhas de significados. A justificativa se dá, dentre outros aspectos, ao fato dessa palavra, fronteira, perpassar nuances áreas do saber como: Antropologia, Psicologia, Engenharia, Linguística, dentre outros campos do conhecimento. A partir dessa compreensão, para que possamos refletir sobre tal terminologia é fundamental recorrermos, inicialmente, ao dicionário etimológico da Língua Portuguesa.

De acordo com o dicionário da Língua Portuguesa, Ferreira (2004), popularmente conhecido como Aurélio, fronteira é: “1. extremidade de um país ou região do lado onde confina com o outro; limite, estremadura. 2. Extremo, fim, término. 3. Limite material de um sistema; separação entre um sistema e o seu exterior” (Ferreira, 2004, p.657. Grifos do autor). Nota-se que a definição de fronteira está relacionada diretamente com a ideia de divisão, de limite e/ou separação de um sistema ou de um material. Logo, o sistema de Bella Vista do Norte/Paraguai e Bela Vista/Brasil é entendido nessa definição como separação.

Já no dicionário Cegalla (1994) tem entrada lexical que registra a palavra “fronteira” como: 1 linha divisória entre dois países, estado, municípios, regiões, limite; extrema. 2 espaço físico ou imaginário onde se dá a separação entre coisas, estados, realidades diferentes. Verifica-se, especificamente na definição de Cegalla (1994), que a terminologia fronteira se especifica ao país, dando-lhe o caráter de divisão. Portanto, fronteira é a divisão de estados, países, municípios. Isso evidencia pensar, dentre outros fenômenos, que há uma divisão geopolítica, uma linha imaginária que separa os dois países. Ao projetarmos essa definição para o contexto de estudo fronteiriço, perceberemos que o Rio Paraguai, conforme foto do capítulo II, caracteriza-se como uma divisão entre os dois países, Brasil e Paraguai.

Ao saímos do campo de definições e direcionarmos o olhar para a área de conceitos, verificaremos no estudo de Pereira (2002) proposições reflexivas sobre fronteiras culturais e de alteridade no contexto de fronteira. A autora ressalta que a fronteira é um lugar de “particularidades”, onde as relações comerciais, judiciais e até os familiares estão em contato, de forma direta e intensiva. Pereira (op cit) registra que seja necessário pensar “fronteira” como uma localidade que abriga particularidades, pelo conjunto de diferenças e trocas culturais. Desse modo, conectados ao pensamento da autora não se pode pensar em fronteira como limite, separação e/ou divisão.

Já na visão de Barbosa (2015), a terminologia “fronteira” corresponde a uma soma de relações que perpassam diversas esferas, que vão desde a política até a linguística.

Acreditamos que a fronteira, seja, política, ideológica, étnica, linguística, dentre outras, deve ser compreendida como um espaço de relação, de mescla, de mistura, de heterogeneidade (BARBOSA, 2015, p.92).

Dessa maneira, para Barbosa (op. cit), a unidade lexical fronteira é uma região onde ocorre um encontro de culturas, um espaço onde não se pode ocorrer nenhum tipo de preconceito. O autor abre espaço para pensar a fronteira como heterogênea, plural e mestiça ao destacar que a fronteira como “um ambiente mestiço”. Em outras palavras, o indivíduo que vive nesse contexto está, segundo Pereira (1999), numa realidade *sociolinguisticamente complexa*, visto que está inserido em uma mistura de línguas, de culturas, de identidades e de posicionamentos ideológicos que o caracterizam como tal. Em outras palavras, cada fronteira possui suas particularidades.

3.2. Sociolinguística e Sociolinguística Interacional

Ao direcionarmos o olhar para os estudos têm como base a Sociolinguística, nota-se que é uma área em constante crescimento e de diversas concepções. Conectados ao pensamento de Barbosa (2015, p.92-5):

A sociolinguística é uma corrente de caráter funcional, considerada como uma subárea da Linguística Geral, cujo objetivo principal é investigar e descrever a relação da língua na sociedade, tendo como objeto de estudo a fala dos sujeitos que compõe uma comunidade linguística, levando em consideração os fatores internos de uma língua, tais como: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica e ainda os fatores externos, quais sejam: idade, sexo, escolaridade, classe social, história, cultura,

dentre outros fatores

Ao compreender os objetivos centrais da Sociolinguística, Barbosa (2015, p.92), apoiado aos estudos de William Labov, pondera que a terminologia “Sociolinguística” foi usada pela primeira vez no ano de 1.953, em um trabalho de Haver. C. Currie. Entretanto, o período considerado “chave” para a ampliação da Sociolinguística, enquanto disciplina do saber, foi em 1.964, nos Estados Unidos da América, com a publicação dos livros Gumperz, Labov, Hymes e a conferência de William Bright, em Los Angeles.

Ainda conforme o estudo de Barbosa (op. cit), é importante mencionar, aqui, que há um sutil embate entre a Linguística moderna e a Sociolinguística embasada nos pressupostos da Teoria da Variação. A diferença repousa no fato de que a “estrutura da língua constitui o tema da Linguística, enquanto o uso da língua é de interesse da Sociolinguística”.

Segundo Barbosa (2015, p.93):

Ao contrário da Corrente Estruturalista de Ferdinand de Saussure, que definiu a língua (*langue*) como objeto central de estudos da Linguística. William Labov, em 1.963, inaugurou uma vertente de estudos de orientação “anti-saussuriana”. Desse modo, ao invés de Língua (*langue*) como fez Saussure, Labov centrou seus estudos na fala (*parole*), em situações reais de uso do ponto de vista social, no contexto cultural dos Estados Unidos (E.U.A).

A partir da configuração social daquela época, surge, então, a Sociolinguística Laboviana, cujo Modelo Metodológico se ampara(ou) nos postulados e reflexões epistemológicas de Labov. É importante destacar que esse Modelo de Sociolinguística Laboviana ou Sociolinguística Variacionista Linguística nasce(u), por volta de 1963, a partir de reflexões anti-saussurianas. Assim, os objetivos de tais pensamentos anti-saussure era de expandir os estudos relativos aos processos de variação e mudança linguística, que segue(ia) o modelo de pesquisa quantitativa com base nos fatores linguísticos e extralinguísticos, tais como: sociais, faixa etária, etnia, classe social, dentre outros aspectos.

Conforme o estudo de Barbosa (2015), a Sociolinguística é dividida, principalmente, em três eixos, sendo eles: I – Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Laboviana, II – Sociolinguística Interacional ou Sociolinguística Interacionista. O nosso estudo é embasado na perspectiva cujo postulado se apoia na Sociolinguística e Interação. John Gumperz é considerado pioneiro nos estudos relativos à interação da linguagem do indivíduo numa situação rela de comunicação face a face, ao tratar a linguagem enquanto um fenômeno social.

É importante frisar que vários são os teóricos dos estudos da Linguagem, e outras áreas científicas do conhecimento, que se debruçaram acerca dos estudos da sociolinguística e interação. Entretanto, a seleção para trabalhar predominantemente com John Gumperz se deu por conta de o teórico apresentar uma base de análise de dados e/ou registros interpretativista, a partir do paradigma indiciário, dentro da perspectiva etnográfica.

Desse modo, segundo Gumperz [ca 2016]³:

Interactional sociolinguistics (IS) is an approach to discourse analysis t..... has its origin in the search for replicable methods of qualitative analysis that account for our ability to interpret what participants intend to convey in everyday communicative practice. It is well known that conversationalists always rely on knowledge that goes beyond grammar and lexicon to make themselves heard. (p. 2015).

A partir dos postulados de Gumperz (op cit), associado aos estudos etnográficos, a Sociolinguística Interacional é uma abordagem à análise dos dizeres que tem a sua origem na busca de métodos replicáveis de análise qualitativa, que respondem por nossa capacidade de interpretar, análise interpretativista, o que os participantes de determinada pesquisa, no nosso caso os comerciantes paraguaios, pretendem transmitir na comunicação do dia a dia, no contexto real e sem monitoramento. Então, as premissas da sociolinguística interacional partem do pressuposto de que os sujeitos falantes de determinada comunidade linguística possuem um conhecimento que vai além de gramática e do léxico. Tal conhecimento é utilizado na comunicação, muitas vezes, para se fazerem ouvir e ser compreendido.

3.3 Concepções de Língua

Ao longo dos estudos relativos à Linguagem, diversas são as concepções de *Língua*. Não tomaremos, aqui, todos os conceitos, visto que não é a nossa intenção realizar um levantamento exaustivo teórico acerca dos conceitos de *Língua*. Diante desses diversos pontos de vistas, realizamos um recorte para concepções consideradas contemporâneas a respeito de *Língua*. No entanto, levaremos em consideração dois expoentes que julgamos pertinentes aos

³ Tendo em vista que a publicação eletrônica não traz a data, conforme orientação da Associação Brasileira de Normas de Trabalhos, doravante ABNT. A data da publicação de uma obra é um elemento obrigatório e quando não puder ser identificada, indica-se uma data aproximada entre colchete.. Logo: [ca 2016].

estudos da Linguagem, Saussure (1916/2006) e Bakhtin (1929/1995).

De acordo com Saussure (1916/1995, p.22) “a Língua é um sistema, abstrato e social, de valores puros”. Desse modo, ao realizar a tríade, Linguagem, Língua e Fala, o genebrino propõe, dentre outros aspectos, direcionar o seu olhar para a concepção de Língua. Dessa maneira, Saussure (op. cit) registra no Curso de Linguística Geral, doravante CLG, que a *Língua* como um fenômeno social, visto que ela acontece numa comunidade linguística. Além disso, é importante registrar, também, que o estudioso considerado pai da Linguística Moderna compreende a *Língua* como um fato homogêneo.

Já Bakhtin (1929/1995), contrapondo alguns postulados de Saussure (1916/2006), ao conceber o *Dialogismo* como constitutivo da linguagem, compreende que a *Língua* deve ser entendida “como um fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação (enunciado) ou enunciações (enunciados).” Assim, para Bakhtin (op. cit) a Língua é a heterogêneo, visto que é uma atividade social, que não é abstrata, uma vez que é fundada nas necessidades de comunicação dos sujeitos falantes da Língua. A partir dessa premissa, a língua tem a natureza essencialmente *dialógica* no tempo sócio-histórico.

Segundo Xavier e Cortez *apud* Geraldi (2003):

Língua é o produto de um trabalho social e histórico de uma comunidade. É uma sistematização sempre em aberto. Contém, caracteristicamente, processos de relativas estabilidades e instabilidades constantes.

Segundo o teórico, a concepção de *Língua* vai muito além de uma estrutura. Na verdade, ela busca a construção do sentido. O autor ainda reforça em suas palavras que a *Língua* contém, caracteristicamente, processos de relativas estabilidades e de instabilidade constantes. Desse modo, a língua é viva e sofre muitas mudanças ao longo do tempo. Essas transformações são decorrentes de situações nas sociedades de falantes, uma delas é a questão cultural de cada comunidade, pois cada falante herda características de fala de seus familiares, que com certeza perpassará pela sua posteridade. Outro caso está relacionado à questão de diálogo, em que os indivíduos se preocupam, dentre outros aspectos, em manter o entendimento entre ambos. Assim, a *Língua* é entendida na perspectiva da comunicação entre dois sujeitos.

Segundo Xavier e Cortez *apud* Abaurre (2003, p.14):

Vejo a língua, portanto, como um sistema estruturado que, por situar-se no âmbito da linguagem, apresenta constante instabilidade, características de

quaisquer atividades do homem, tomado enquanto sujeito historicamente situado.

De acordo com a citação acima, *Língua* é compreendida como um sistema estruturado, que apresenta constante instabilidade e mutabilidade, por se situar no âmbito da linguagem, ou seja, o âmbito da linguagem está relacionando a língua com a estrutura social, com o ser humano que está em constantes mudanças. Língua e sociedade para a autora estão intimamente relacionadas, portanto, é impossível separá-las. Diante dessa conjuntura, como o homem é um ser complexo e está em constante mudança, a língua, segundo a autora, também é um sistema estrutural de constante instabilidade, ou seja, de mudanças.

Conforme Xavier e Cortez *apud* Fiorin (2003, p.72):

A linguagem dá ao homem uma possibilidade de criar mundos, de criar realidades, de evocar realidades não presentes. E a língua, é uma forma particular dessa faculdade de criar mundos. A língua, nesse sentido, é a concretização de uma experiência histórica.

Nota-se que para Fiorin *Língua* é entendida de forma impressionante, simples, mas profunda. Segundo o estudioso, a concepção de *Língua* vai muito além de ser apenas um instrumento de comunicação. Ela tem uma forma particular de criar mundos, ou seja, o teórico atenta para o fato de perceber que a *Língua* é única, particular do indivíduo, mesmo ela obtendo regras o que se torna mais interessante é o fato de a *Língua* estar condensada a todas as experiências humanas.

De acordo com Xavier e Corte *apud* Koch (2003, p.124), por sua vez, registra que:

A língua se configura dentro do meio social, como expressão do meio social, lugar de interação entre os membros de uma sociedade e nesse lugar de interação é que se constituem as formas linguísticas e todas as maneiras de falar que existem numa determinada época, numa determinada sincronia.

Segundo o autor, ao se apropriar da terminologia de Saussure (1916/1995), *sincronia* e *diacronia*, destaca que o conceito de *Língua* é sincrônico, algo de determinado período histórico da humanidade. Além disso, que os membros de uma sociedade vão se transformando, passando por vários processos de mudanças e a *Língua* também acompanha essas mudanças. Isso ocorre pelo fato de uma sociedade de falantes se interagem de várias maneiras entre si, destacando cada um suas culturas, sua herança linguística e também ao aprender maneiras de fala diferenciadas da de origem, pois a *Língua*, a Sociedade e a Cultura

de um povo estão intimamente ligadas, ou seja, entrelaçadas.

Segundo Xavier e Corte *apud* Marcuschi (2003, p.12):

A concepção de língua é mais que um conjunto de elementos sistemático. Ela não é um simples sistema de representação mental nem um sistema de comunicação apenas. Língua é atividade sócio-interativa sempre voltada para alguma finalidade e secundariamente serve para transmitir informações e representar o mundo.

Observa-se que para o autor, a concepção de *Língua* vai muito além de um meio de comunicação entre os sujeitos que compõem a sociedade. Além do mais, a perspectiva de *Língua* para o autor é uma forma que o indivíduo tem de se interagir na sociedade, conforme sua cultura e suas escolhas sua forma de vida. Desse modo, a sociedade se comunica e se expressa ao viver socialmente no coletivo. Além disso, Marcuschi (op. cit) também se refere à *Língua* como representação do mundo. Embora essa frase seja bastante poética, é real e profunda à medida que cada indivíduo representa o mundo com suas características únicas, resultado de suas heranças linguísticas e culturais. Assim, a *Língua* é uma das maiores e mais fortes marcas de representação do mundo particular de cada sujeito que vive em sociedade no coletivo.

3.4 A diversidade Linguística em região de Fronteira

Muito se tem discutido acerca da diversidade linguística em região de fronteira. Pereira (2002, p.48), ao lado de outros estudiosos conectados ao seu pensamento, tem compreendido esse espaço como:

A caracterização de um contexto sociolingüístico complexo envolve vários aspectos, dentre eles, a coexistência de várias línguas, as diversidades dialetais intercompreensíveis ou não, as formas culturais das interações sociais, as crenças, as atitudes em relação ao “diferente”.

Nota-se, na concepção de Pereira (op. cit), que o espaço de fronteira se caracteriza como um contexto diversificado ao que se refere em termos de identidade(s), língua(s), cultura(s) e dentre outros aspectos. Desse modo, uma região de fronteira, seja ela qual for, é um lugar de múltiplas culturas, pois os indivíduos que ali residem (com)partilham de línguas de outros fronteiriços, por motivos geográficos.

Compreendemos por diversidade, grande composição de cultura e de mescla social, encontrada na sociedade que são: sua(s) língua(s), seu modo de viver, sua história, entre

outros fatores, que agora estão anexados por convivência em outros cidadãos, ou seja, em uma região de fronteira é mais comum acontecer esse fenômeno de agregação de cultura e de variações linguísticas.

Ao projetarmos o nosso olhar para o contexto em estudo, a fronteira de Bela Vista/BR e Bela Vista norte/PY, nota-se, a partir de toda sua historicidade apresentada no capítulo II, a mescla da cultura e da língua em ambos os países, o que evidencia pensar, dentre outros parâmetros, que este espaço caracteriza como um espaço de heterogeneidade e de pluralidade cultural e linguística. E que, muitas vezes, conforme Barbosa (2015) “este espaço abre lugar para outro entrelugar, o mestiço”.

Conectados ao pensamento de Camacho (1988), podemos perceber que o autor não vê a fronteira apenas como uma divisão geográfica ou política, geopolítica, mas como um lugar de diversidade linguística, social e cultural. Em sua fala ressalta que os membros daquela região estão ligados socialmente.

Os membros de uma nação, ligados por traços socioculturais. Econômicos e políticos, tradicionalmente firmados, identificam-se e distinguem-se dos membros de outra pelo seu instrumento de comunicação, além, evidentemente, de outros traços até mais importantes. É falso supor, entretanto, que a diversidade linguística se realiza somente à esquerda e à direita de uma fronteira política (CAMACHO, 1988, p.29).

Desse modo, não podemos olhar para a concepção de fronteira com uma visão binária apenas, pois uma região de fronteira vai muito mais além de uma simples comunidade. Há, nesse espaço fronteiriço, uma concentração de várias línguas e interlínguas, culturas e ideologias impregnadas no âmbito de interação social.

Além do mais, é importante o olhar sensível para esse espaço, visto que podemos observar fronteira, segundo Barbosa (2015), a partir de vários aspectos de uma sociedade, sendo eles: cultural, ideológico, linguístico, social, comercial, escolar, de identidade, dentre outros. Cada aspecto, anteriormente citado, vivenciado na fronteira está entrelaçado em uma corrente de mescla, ou seja, a cultura desses cidadãos não é mais apenas os de seus antecedentes, já não falam apenas as suas línguas de origem, a língua de seus avós ou outros antecedentes. Há, nesse espaço linguístico fronteiriço uma mistura de línguas, tornando este espaço heterogêneo e mestiço.

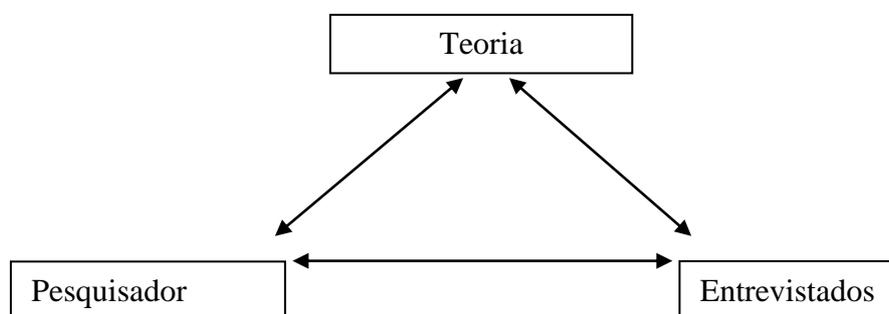
CAPÍTULO IV

A CONCEPÇÃO DE *LÍNGUA* A PARTIR DO OLHAR DO COMERCIANTE PARAGUAIO DA FRONTEIRA

4.1. Considerações Iniciais para a Análise

Este capítulo procura trazer a análise de Registros e/ou Dados. Para a realização das análises, partimos da orientação de Frederick Erikson (1990). A partir desse momento, coloco-me em terceira pessoa, para melhor visualização e interpretação dos dados coletados, no caso, as entrevistas. É importante destacar que, segundo Barbosa (2015) “a pesquisa etnográfica qualitativa permite avaliar, também, o pesquisador, suas atitudes (...) seu modo de percepção com relação aos Dados Coletados durante a pesquisa *in loco*, bem como as intervenções etnográficas”.

A análise de dados é dividida em três momentos, conforme estrutura a seguir:



Com base nessa *triangulação de dados*, recomendação da pesquisa etnográfica, visto que a orientação é a de que o pesquisador não se vale apenas de um dado, mas de outros para a construção de sua percepção, inclusive, avaliando-o. (ERIKSON, 1990). A partir dessa premissa, partimos da triangulação de registros cuja composição se apresenta da seguinte maneira: o olhar da teoria; o olhar do pesquisador e o olhar do entrevistado. A ênfase maior de percepção será destinada aos entrevistados, comerciantes paraguaios radicados na fronteira internacional de Bela Vista/BR e Bella Vista do Norte/PY.

A seguir, temos a análise de dados, resultado da triangulação de registros que a pesquisa etnográfica recomenda ao pesquisador. É importante mencionar ainda que as entrevistas foram realizadas antes de reajustarmos o direcionamento de nosso estudo, que é a concepção de *Língua*, segundo comerciantes de ascensão paraguaia. O fato é pertinente no sentido de tornar os dados mais naturais possíveis, visto que, no momento da entrevista, não foram direcionados questionamentos fechados, prontos e acabados a respeito do que fosse *Língua*. Mas essas percepções foram construídas no decorrer dos diálogos com os informantes.

4.2. O Caso de Emiliana Garcia Fleitas

Dona Emiliana, como é popularmente designada entre os moradores da fronteira, em especial de Bella Vista Norte/PY, possui 52 anos, é casada e sua formação escolar é o ensino fundamental completo. Atua aproximadamente há mais de 30 anos no comércio do lado paraguaio e lida com brasileiros, índios, paraguaios e brasiguaios diariamente em sua rotina de venda em seu próprio restaurante. Em entrevista, ao que se refere ao conceito de *Língua*, ela destaca que:

Entrevista 1. Emiliana

Entrevistadora: Qui ricu

Entrevistada: Eu gostu di falar é: qui eu misturu muito

Conforme se pode verificar na fala do pesquisador, nota-se a presença de um vocabulário rico, o que evidencia pensar, dentre outros parâmetros, que há, na visão da entrevistadora, um olhar de riqueza para a concepção de língua. Já ao que se refere à entrevistada, verifica-se que há uma mescla de língua, talvez por se tratar de uma região de fronteira. No entanto, há que se considerar que a entrevistada reconhece a presença de mais de uma língua na região em que reside, essa confirmação pode ser percebida na seguinte passagem: “Eu gostu di falar é: qui eu misturu muito”.

Essa concepção de língua da informante comerciante paraguaia se aproxima bastante da perspectiva de Marcuschi (2003) ao mencionar que a *Língua é a representação de mundo*. Esse viver no coletivo aponta para o fato de existir um viés particular da informante, dentre eles, o fato de misturar as línguas. Pereira (1999) explica que essa confusão das línguas acontece porque se trata de uma região de fronteira, ou seja, por um *contexto*

sociolinguísticamente complexo. Desse modo, o “ir” e “vir” de sujeitos, culturas, ideologias, línguas, dentre outros aspectos; acontece, em sua maioria, de maneira rotineira.

Koch (2003) também dialoga com a concepção de Língua, segundo Emiliana, ao ressaltar que a Língua acontece na interação social. Logo, se há a mistura desses falares, há, nesse contexto linguístico, um processo de *interação*.

Em outro momento da entrevista, dona Emiliana relata que:

Entrevista 1. Emiliana

Entrevistadora: É::: aí, viu? A língua qui a sinhora fala normal, assim, qui a genti precisa pesquisÁ, entendeu?

Entrevistada: Aham

Durante a entrevista, verifica-se que a entrevistadora possui uma concepção de *Língua* limitada e muito próxima à Fala. Em outras palavras, as unidades lexicais, Fala e Língua, são utilizadas pela entrevistadora como sinônimas. Isso evidencia pensar que a entrevistadora, naquele momento, não reconhece(u) que a Língua é um fato social e a Fala é de cunho individual. A concepção de Língua para a entrevistadora é algo “normal”. Nota-se que a entrevistadora também possui uma visão limitada a respeito de *Língua*, se realizarmos uma reflexão profunda, verifica-se que, segundo Geraldi (2003) a concepção de Língua é o produto social, parte de uma atividade social.

4.3. O Caso de Marlene Galeano

A senhora Marlene Galeano, moradora de Bela Vista Norte/PY, Paraguaia esposa de brasileiro fronteiro, filho brasileiro fronteiro e estudante da escola de Bela Vista/BR. Estudou pouco, pois se casou bem jovem, trabalha no comércio desde mocinha, pois a proprietária da loja de roupas e importados é sua tia e ela relata que sempre trabalhou com a família.

Em entrevista, dona Marlene, relatou que:

Entrevista 2. Marlene

Entrevistadora: Qual língua, assim, que a senhora mais, assim, acha que é a sua língua?

Entrevistada: Acho que o guarani.

No olhar da pesquisadora, nota-se que ela direciona a pergunta para a entrevistada no sentido de refletir a identidade linguística. Em outras palavras, qual a língua de origem da

entrevistada. Nota-se que a entrevistadora instigou a entrevistada. Esse pensamento da entrevistadora dialoga com a concepção de Língua, segundo Abaurre (2003), que compreende que Língua e Sociedade estão intimamente ligadas. Desse modo, Língua e Sociedade são por si identidades de uma sociedade.

Já na visão da entrevistada, sua língua de origem é eminentemente o guarani, que segundo ela porque é paraguaia. Desse modo, a entrevistada possui uma concepção de *Língua* homogênea, mesmo morando em uma região de fronteira onde circulam diariamente várias línguas. Além disso, o Paraguai é um país cujas línguas oficiais são: Espanhol e Guarani, que estão, segundo Fiorin (2003) é o resultado de experiências sociais.

Em outro momento da entrevista, dona Marlene destaca que:

Entrevista 2. Marlene

Entrevistadora: A língua portuguesa para a senhora é o que? Uma coisa que a senhora aderiu? É uma coisa, como que é?

Entrevistada: É devido eu se fronteira NE, sô daqui “mexma”, “coiça” de lá também.

A partir da visão da pesquisadora, nota-se limitação aos conceitos teóricos relativos à Língua, uma vez que a direciona com a terminologia “coisa”. Desse modo, a entrevistadora não concebe o conceito de Língua como, Koch (2003) interação social, ou Marcuschi (2003) que compreende que a concepção de Língua vai além da comunicação social.

No olhar da entrevistada, percebe-se que a concepção de Língua é respondida a partir da noção de ser fronteira. É importante, na perspectiva etnográfica, questionar a postura da pesquisadora, visto que lançou três perguntas, quais sejam: “A língua portuguesa para a senhora é o que? Uma coisa que a senhora aderiu? É uma coisa, como que é?”. Diante dessa conjuntura, a entrevistada respondeu apenas a última questão. E a entrevistadora não a questionou sobre as outras perguntas. E as orientações etnográficas destacam para o fato de o pesquisador instigar o entrevistado.

4.4 O Caso de Sônia Beatriz Gonsales

Senhora Sônia Beatriz Gonsales, com 58 anos, nascida e moradora de Bela Vista Norte/PY, vendedora e dona do comércio de aviamentos e enxovais. Esta senhora estudou o ensino fundamental e parou os estudos pois logo iniciou sua vida profissional de vendedora e

comerciante, desse modo casou-se teve um filho e a mais de 20 anos trabalha na mesma região com vendas.

Em entrevista, dona Sônia registra que:

Entrevista 3. Sônia

Entrevistadora: A senhora fala quantas idiomas? Quantas:: línguas?

Entrevistada: É, eu falu guarani, u castelhanu i: u português

A partir da entrevista acima, nota-se que no olhar da pesquisadora, a entrevistadora novamente lançou duas perguntas para a entrevistada, isso evidencia pensar, dentre outros aspectos, que a informante responderá apenas o último questionamento. A percepção de Língua, segundo entrevistada, é de que ela fala três línguas: o guarani, o espanhol e o português. Essa realidade linguística evidencia pensar que a informante tem noção de que vive em um contexto de bi(multi)linguismo, mesmo não conhecendo teorias que norteiam essa realidade sociolinguística.

Ainda em entrevista, a senhora Sônia destaca que:

Entrevista 3. Sônia

Entrevistadora: Há, as três línguas a senhora fala

Entrevistada: Sim

Entrevistadora: Fala bem, entende e domina as três?

Entrevistada: Sim

Essa comprovação de uso e de competência das três línguas é afirmada pela entrevistada no excerto acima. Essa concepção evidencia pensar, dentre outros parâmetros, que a entrevistada possui uma noção plural a respeito de *Língua*. Nesse sentido, subentende-se que a entrevistada reconhece um contexto bi(multi)linguismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao parafrasear o meu orientador, professor Jefferson Machado Barbosa, esta seção será iniciada com a tese de que faremos “considerações em processo”, o que, no nosso ponto de vista possibilita, dentre outros aspectos, a margem de diálogo com o leitor. E que são considerações que podem modificar no decorrer do tempo.

No decorrer do trabalho, pode-se perceber que a pesquisa mostrou a ampliação de horizontes a respeito do conceito de *Língua*, de um lado as concepções de teóricos, enquanto que de outro os conceitos da sabedoria popular. Nota-se, também, que o conceito de *Língua*, segundo informantes, comerciantes paraguaios radicados na fronteira internacional de Bela Vista/BR e Bella Vista do Norte/PY, dialoga, algumas vezes, com conceitos já cristalizados nos estudos da Linguagem.

O trabalho também contribui no sentido de mostrar aos outros acadêmicos os passos de pesquisa, capítulo 1. A pesquisa de cunho etnográfico permite, dentre outros aspectos, que o próprio pesquisador se questione e expanda suas inquietações, positivas e algumas negativas, a respeito dos lócus de pesquisa. Além disso, ao seguir a triangulação de registros, mostra que o investigador não pode confiar apenas em um único dado. Diante dessa conjuntura, é fundamental que o pesquisador gere dados, para posteriormente realizar o processo de triangulação desses registros.

No capítulo II, o trabalho contribui no sentido de relacionar com outros trabalhos correlatos, como o de Vieira (2014), cujo objetivo é expandir o contexto histórico da região em estudo. Nota-se que ambos os países possuem uma historicidade de desenvolvido político e administrativo muito próximo, porém com lutas e guerras.

O capítulo III, deste estudo, contribui, dentre outros parâmetros, com os estudos no campo da Linguagem, especificamente sobre as concepções de Fronteira, Língua, região fronteira e Sociolinguística Interacional. Já o capítulo IV, na análise de dados, pode-se verificar, como mencionado acima, as concepções de Língua, a partir de entrevistas etnográficas realizadas no ano de 2015, com intervenções etnográficas no ano seguinte. Verifica-se que a concepção popular ainda não é próxima a concepção cuja entrada se

encontra em livros acadêmicos, científicos. No entanto, existem aspectos que dialogam. Além disso, notam-se alguns apontamentos a respeito da prática de pesquisa do investigador, visto que a etnografia permite este questionamento.

Por fim, mas não limitando as reflexões desta pesquisa, o presente estudo visa, sobretudo contribuir e se somar a outros trabalhos, concluídos e em andamento, cuja finalidade maximizada é mapear a realidade sociolinguística, neste caso específico a concepção de língua, em regiões fronteiriças, onde a cada amanhecer se abre para o novo, para o híbrido, para o mestiço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Luiza M. Literatura brasileira: tempos, leitores e leituras. São Paulo: Ed. Moderna, 2003. v. único.

BAKHTIN, M.;VOLOCHINOV, V.N. Marxismo e filosofia da linguagem (1929). Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995. 196p.

BARBOSA, J. M. *Olhares Investigativos Sobre a Fronteira Internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai: Um Estudo de Caso Etnográfico*. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, 2014.

CAMACHO, Roberto. A Variação Linguística. In: *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus, coletânea de textos*. São Paulo: SE/CENP, 1988.

CEGALLA, Domingos P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 37. ed. São Paulo: Nacional, 1994.

DORATIOTO, Francisco. Maldita Guerra. Nova história da guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. Lições de texto: leitura e redação. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.

FERREIRA, A. B. de H. Novo Aurélio século XXI: o dicionário de língua portuguesa. 3.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

GUMPERZ, J.J. *Interactional Sociolinguistics: A Personal Perspective*. [ca 2016]. Disponível em: <https://www.maxwell.syr.edu/uploadedfiles/exed/sites/ldf/academic/gumperz.pdf>

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 8. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

IBGE. *Bela Vista Mato Grosso do Sul - MS Histórico*. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/matogrossodosul/belavista.pdf>. Acesso em 31/05/2016.

IBGE. *Mato Grosso do Sul: Bela Vista*. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=500210>. Acesso em 31/05/2016.

KOCH, Ingedore V.e ELIAS, VANDA M.Ler e Escrever-estratégias de produção textual. São Paulo: contexto, 2009.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. -São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) Gêneros Textuais e Ensino. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

PEREIRA, M. C. *Quando o familiar se torna “estranho” e o estranho quase se torna familiar: duas experiências surpreendentes no campo de pesquisa*. 2002.

_____. *Naquela Comunidade Rural, Os adultos Falam “Alemão” e “Brasileiro” Na Escola, As Crianças Aprendem Português*. Um Estudo do Continuum Oral/Escrito em Crianças De Uma Classe Bisseriada. Campinas, 1999.

RESENDE, Geraldo. *Bela Vista*. Disponível em: <http://www.geraldorende.com.br/municipios/bela-vista>. Acesso em 31/05/2016

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. (1916). 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

STURZA, E.R. *Línguas de Fronteiras e Políticas de Línguas: Uma História das Ideias Linguísticas*. Campinas, SP. 2006. Tese de Doutorado.

VELASQUEZ, João Carlos. *Conheça um pouco da história do município de Bela Vista MS*. Disponível em: <http://www.belavistams.com.br/noticia/2009/02/01/conheca-um-pouco-da-historia-do-municipio-de-bela-vista-ms>. Acesso em 31/05/2016

VIEIRA, Jilimara Barbosa. *O contato de professores de LP com alunos que têm o Guarani/Espanhol como Língua Materna de uma escola municipal em Bela Vista/MS*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Unidade Universitária de Jardim.

XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana (Orgs.). *Conversas com lingüistas*. São Paulo, Parábola, 2003. 200p.

ANEXOS

Universidade Estadual do Estado do Mato Grosso do sul, unidade de Jardim/MS.

Eu Sonia Beatriz González autorizo,
para devidos fins de pesquisa o uso da gravação e áudio da entrevista (bimultilíngues na
fronteira), feita em Bela Vista/PY, pela acadêmica Katyusse Loubet Barros.

Sonia Beatriz González

Entrevistado (a)

Katyusse Loubet Barros

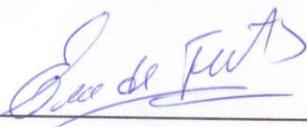
Pesquisadora acadêmica.

Jefferson Machado Barbosa

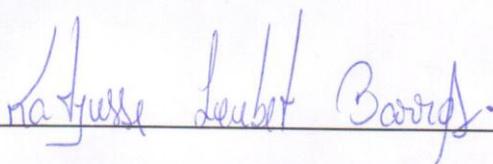
Orientador professor Jefferson Barbosa Machado.

Universidade Estadual do Estado do Mato Grosso do sul, unidade de Jardim/MS.

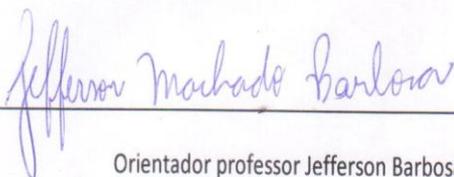
Eu Emiliana Garcia de Fleitas autorizo, para devidos fins de pesquisa o uso da gravação e áudio da entrevista (bimultilíngues na fronteira), feita em Bela Vista/PY, pela acadêmica Katyusse Loubet Barros.



Entrevistado (a)



Pesquisadora acadêmica.



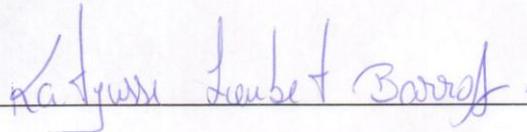
Orientador professor Jefferson Barbosa Machado.

Universidade Estadual do Estado do Mato Grosso do sul, unidade de Jardim/MS.

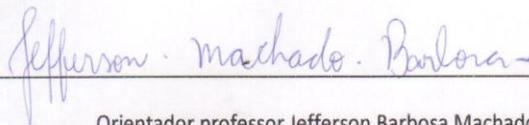
Eu Marilene Galeano autorizo,
para devidos fins de pesquisa o uso da gravação e áudio da entrevista (bimultílingues na
fronteira), feita em Bela Vista/PY, pela acadêmica Katyusse Loubet Barros.



Entrevistado (a)



Pesquisadora acadêmica.



Orientador professor Jefferson Barbosa Machado.